



Revista Pistis & Praxis: Teologia e
Pastoral

ISSN: 1984-3755

pistis.praxis@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do
Paraná
Brasil

Costa Lima Pereira, Karine; Furtado Holanda, Adriano
Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: Ambivalências e
expressões do vivido
Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 8, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 385-
413
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Curitiba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449755226001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Espiritualidade e religiosidade para estudantes de psicologia: Ambivalências e expressões do vivido

*Spirituality and religiousness for psychology students:
Ambivalences and expressions of the lived-experience*

Karine Costa Lima Pereira, Adriano Furtado Holanda*

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Resumo

As relações entre Ciência e Religião na cultura ocidental moderna denotam ambivalências, dissociações e conflitos. Embora a produção em Psicologia da Religião no Brasil seja vasta, a formação acadêmica pouco contempla essa discussão; a temática ainda é tratada de modo distanciado, assunto permanentemente evitado no contexto acadêmico e científico. O objetivo deste trabalho foi identificar como o estudante de psicologia vivencia as relações entre os conteúdos estudados no curso, o ambiente acadêmico e a própria religiosidade/espiritualidade. O estudo reuniu procedimentos quantitativos e qualitativos: os dados sociodemográficos foram objeto de análise estatística e os relatos analisados com base numa metodologia empírico-fenomenológica. O instrumento foi

* KCLP: Mestranda em Psicologia Clínica, e-mail: karine_costalimapereira@yahoo.com.br
AFH: Doutor em Psicologia, e-mail: aholanda@yahoo.com

um questionário estruturado, aplicado a uma população de graduandos em psicologia. Participaram 60 estudantes, dos quais, 30 pertencem a algum grupo religioso, quatro se declaram ateus, cinco agnósticos e 13 acreditam em Deus. A relação entre Psicologia e Religião foi descrita como difícil e complexa, e por vezes, inconciliável no nível teórico-metodológico. O ambiente acadêmico é percebido como um lugar cientificista e sem abertura para discutir religião. Vivências de conflito são experienciadas em sala de aula, no convívio com professores e colegas e em relação aos conteúdos estudados. Vivências de associação ou dissociação entre as crenças e a psicologia aparecem como formas de lidar com o conflito. O estudo salienta a importância da discussão no que tange à experiência religiosa individual do estudante e a formação de psicólogo.

Palavras-chave: Psicologia da Religião. Espiritualidade. Religiosidade. Formação de psicólogo.

Abstract

In modern occidental culture, Science and Religion relate themselves with a charge of ambivalence, dissociation and conflict. Although productions about Psychology and Religion are wide in Brazil, higher education rarely discloses the discussion; since this theme is constantly avoided by academic and scientific fields, it is approached with certain distance. The study's purpose was to identify how psychology students experience the subjects in their major with the university's ambience and their own religiousness/spirituality, based on a phenomenological study of the lived-experience. The research gathered quantitative and qualitative procedures. A Sociodemographic database went through statistical analysis and the student's reports were analyzed by an empiric-phenomenological method. Its instrument was a structured questionnaire given to a population of psychology students. Of the 60 who participated in the study, 30 of them pertain to religious groups, 4 declared themselves as atheists, 5 as agnostics and 13 of them believe in God. They described the relation between Psychology and Religion as difficult, complex and sometimes irreconcilable at a theory-method level. Students perceived the university's atmosphere as a pro-scientific site, with no overture for debates about religion. There were conflicting experiences reported during class, between teachers, colleagues and different studied subjects. Likewise, experiencing association and disassociation between psychology and their beliefs was a form of dealing with

the conflict. The study elevates the importance of discussion regarding the religious experiences of the students as individuals and their psychologist formation as a process.

Keywords: *Psychology of Religion. Spirituality. Religiousness. Psychologist Formation Process.*

Introdução

A comunidade acadêmica têm debatido amplamente a melhor forma de caracterizar a relação entre Ciência e Religião no processo histórico e, a tendência de generalização mais influente tem sido a de apontar a presença de um constante conflito (NUMBERS, 2009). É verdade que não faltam discussões, teses e especulações para explorar, ou mesmo, exacerbar o histórico conflito existente entre fé e razão no mundo ocidental moderno; contudo, como argumenta Paiva (2002), as relações entre ambas não foram sempre conflituosas, nem na área científica nem no campo religioso.

Na concepção do público leigo também não é diferente, dado que, percebe-se que este costuma “ter a certeza” de que a religião institucionalizada sempre se opôs ao progresso científico (NUMBERS, 2009); assim como os religiosos “sabem” que a ciência teve papel preponderante na corrosão da fé. Esta breve observação fornece indícios de como um estudante universitário pode perceber e vivenciar a dinâmica entre conhecimento científico, religião e suas crenças pessoais. A problemática da questão pode rapidamente ser pensada ao considerar-se, por exemplo, um aluno no início da graduação que tenha um conhecimento ainda superficial e de senso comum sobre a área de conhecimento escolhida — somadas às experiências familiares, vivências socioculturais e o início da vida acadêmica e científica, o estudante pode apenas reproduzir essa concepção de conflito, presente tanto na vida secular como na academia.

Quando a formação em questão é a do profissional de psicologia, o assunto pode se tornar ainda mais complexo, dado as implicações históricas e entraves epistemológicos existentes entre psicologia e religião (RIBEIRO, 2004). Como alerta Ancona-López (2005), os cursos de

graduação em Psicologia no Brasil oferecem pouco contato aos estudantes com a produção científica em Psicologia da Religião, desenvolvida no país e nas escolas europeias e americanas. O desconhecimento destes estudos, somados ao preconceito e ao silêncio presentes no meio acadêmico e científico (quando o assunto é religião), “impede a discussão aberta do tema com professores e supervisores e termina por dificultar a elaboração e a assimilação reflexiva das vivências espirituais” (ANCONA-LÓPEZ, 2005, p. 153). A formação do psicólogo pode, nesta lógica, alimentar uma grande lacuna, onde as experiências religiosas, de si mesmo ou as do paciente, não encontram sentido e esbarram no cotidiano profissional.

As conclusões de Freitas (2002) em sua tese de doutorado sobre crença religiosa e personalidade em estudantes de psicologia (N=52), revelam de forma explícita, a importância dos temas religião, religiosidade e espiritualidade no contexto de formação do psicólogo. O estudo demonstrou que existe uma acentuada mobilização por parte dos estudantes de psicologia em discutir sobre esse tema durante a formação. Os acadêmicos demonstram ter preocupações de cunho ético, no que se refere às suas crenças pessoais e à atuação profissional; e questionam acerca da tendência de *patologização* da experiência religiosa, comum em várias teorias psicológicas. Falam de um mal-estar quanto ao silêncio em torno do assunto no contexto acadêmico, e sofrem em face da necessidade de reavaliação e ressignificação dos próprios valores e crenças religiosas quando se veem abalados em suas crenças fundamentais, experimentando intensos conflitos ao longo deste processo.

O objetivo deste trabalho foi investigar como o estudante de psicologia vivencia a relação entre os conteúdos estudados no curso, o ambiente acadêmico e a própria espiritualidade/religiosidade, a partir de um estudo fenomenológico da experiência do vivido. A pesquisa buscou identificar se existem vivências de conflito ou contradições em relação às crenças ou não crenças pessoais e a maneira de lidar com possíveis situações de conflitos e impasses nos contextos de vida acadêmica e formação profissional. A pesquisa foi realizada com estudantes do curso de Psicologia de uma instituição pública, contemplando alunos crentes (que professam uma religião e/ou exercem outras formas de espiritualidade) e não crentes (ateus, céticos e agnósticos).

O Nascimento da Psicologia Científica e a Religião

Na segunda metade do século XIX, a Europa, e especialmente a Alemanha, experimentavam os frutos de uma nova racionalidade científica. A ciência clássica, pautada no conhecimento pré-determinado do poder-saber e da reflexão filosófica, dava lugar à ciência moderna. O método investigativo e a experimentação ganhavam notoriedade, e a dispersão das ciências particulares, como a física, a química e a biologia, dava-se pela exigência da delimitação do objeto de estudo. Filósofos positivistas e empiristas já haviam aberto as portas, e as permissões, para o tratamento experimental do humano e o espírito mecanicista das ciências naturais ditava as regras da recém-chegada “ciências humanas”. A dualidade metafísica e metodológica deveria ser deixada no século passado, dado que o domínio do objeto homem passava a pertencer à física e à fisiologia.

No final do século XIX, a psicologia, de tradição filosófica e metafísica, era recebida no território da ciência, ainda que desacreditada por filósofos influentes como Immanuel Kant (1725-1804) e August Comte (1798-1857). Na Alemanha o clima intelectual era acadêmico, científico e sistemático, com ênfase na experimentação rígida e em elaborações profundamente teóricas; todavia, “paradoxalmente ali pairava ao mesmo tempo, o misticismo especialmente nas fronteiras da psicologia, com preocupações a respeito de Deus, do comportamento social e da alma” (WERTHEIMER, 1982, p. 68).

Gustav Theodor Fechner (1801-1887) pertencia a esse tempo. Certamente, um dos nomes mais importantes que antecedeu o de Wilhelm Wundt (1832-1920) na história da psicologia como disciplina científica. Professor de física da *University of Leipzig* e principal fundador da psicofísica, Fechner buscou definir a relação exata entre fatos físicos e mentais a partir de uma relação matemática e quantitativa (ARNOLD; EYSENCK; MEILI, 1994). Sua obra, *Elementos de Psicofísica*, publicada em 1860, foi uma das primeiras contribuições de destaque para o desenvolvimento da psicologia experimental, conferindo ao campo “aquilo que toda disciplina deve possuir para ser chamada de ciência: técnicas de medição coerentes e precisas” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2011, p. 75). Wertheimer (1982), no entanto, recorda que além de físico, Fechner também era filósofo e místico.

Contrário ao pensamento materialista e mecanicista dominante, escreveu diversos livros antimaterialistas. Fechner tinha uma visão panteísta e panpsíquica a respeito do homem e do mundo (FERREIRA, 2003; WERTHEIMER, 1982). Tal perspectiva pode ser identificada logo nas primeiras páginas de *Elementos de Psicofísica*, quando define a psicofísica como “a ciência exata das relações funcionais ou de dependência entre o corpo e a alma e, em geral, entre o mundo corporal e o espiritual” (PENNA, 1991, p. 135). Contrastando com o pensamento materialista, suas crenças místicas e filosóficas contribuíram com sua pesquisa.

É possível, contudo, que o pai da psicofísica estivesse ainda no esteio da mudança. A partir de Wundt, a história da psicologia seria diferente. Sobre este aspecto, Schultz e Schultz (2011, p. 91) salientam que ao “rejeitar o pensamento não científico e eliminar as relações intelectuais entre a nova psicologia científica e a antiga filosofia mental”, Wundt cumpriu “a meta de fundar uma nova ciência”. Diferente de Fechner, Wundt não era um espiritualista. Conforme destaca Araujo (2007), ao propor um novo modelo de psicologia, Wundt buscou romper com a tradicional especulação metafísica e, com isso, aproximar sua ciência da mente às ciências naturais. Para Wundt, a culpa pelo atraso da psicologia em relação às ciências naturais estaria na confusão entre questões metafísicas e psicológicas (ARAUJO, 2007). O problema, entretanto, não estava na metafísica em si, mas no método utilizado pela psicologia racional e empírica, alvo de sua crítica: “De acordo com Wundt, os fatos devem anteceder as hipóteses, e não o inverso. A metafísica, portanto, não pode servir de fundamentação à psicologia (enquanto uma ciência empírica), mas, ao contrário, deve tomá-la como seu fundamento” (ARAUJO, 2007, p. 45). O fundamento é sua teoria do conhecimento, empreendimento filosófico-científico de Wundt, pautado na filosofia e na metafísica, essa última, porém, controlada pelos limites do humano em apreender o conhecimento.

Em História da Psicologia, o nome de Wundt é frequentemente relacionado à ascensão da psicologia experimental e ao seu desenvolvimento como ciência autônoma e acadêmica. Entretanto, Figueiredo e Santi (2013) assinalam que a psicologia para Wundt era uma ciência intermediária, de lugar incerto, entre as ciências da natureza e as ciências da cultura e sociedade. Curiosamente, não foi a psicologia, “mas sim a

filosofia que ocupou o lugar central no seu projeto intelectual”, sendo, inclusive, um crítico severo de várias formas de positivismo (ARAÚJO, 2009, p. 210). É nesta esfera, entre 1890 e 1920, fase madura de seu pensamento, que Wundt aprofunda-se, de modo sistemático, em aspectos da experiência psíquica considerados mais complexos e superiores para psicologia geral (ARAÚJO, 2007). Problemas que não podiam ser estudados em laboratório e que requeriam um diálogo com a História, Antropologia, e paradoxalmente, com as emergentes ciências do espírito, as *Geisteswissenschaften*, e com as Ciências da Religião (FILORAMO; PRANDI, 1999). Em sua *Völkerpsychologie* (1890-1920), ou *Psicologia Cultural* ou *dos Povos*, Wundt tinha como objetivo descobrir as leis que regulam o desenvolvimento psíquico dos povos, tendo como âmbitos centrais de observação a língua, o mito e os costumes (FILORAMO; PRANDI, 1999). Wundt tratou direta e indiretamente do religioso, constituindo-se com isso, um reconhecido precursor do estudo psicológico da religião; sua influência na psicologia religiosa é indiscutível, tendo o próprio Freud aproveitado o caminho aberto por suas ideias (BELZEN, 2009; ÁVILA, 2007; FILORAMO; PRANDI, 1999; BENKÖ, 1981).

O “imenso não dito”

Esta breve aproximação a nomes importantes na história da psicologia científica salienta um percurso marcado por ambivalências, encontros e desencontros da disciplina com a religião e com o estudo do fenômeno religioso na experiência humana. O nome de Wundt é especialmente emblemático. Como denuncia Araujo (2007), os livros de história de psicologia oferecem uma ênfase desmedida na psicologia experimental de Wundt e se eximem de análises e discussões sérias sobre sua *Völkerpsychologie*, apresentando seu pensamento até mesmo de forma caricata e absurda. A crítica aproxima-se do que Freitas (2002) chama de um “imenso não dito” apresentado nos livros de psicologia, que insistem em omitir a relação histórica da psicologia e de seus principais precursores com o estudo do fenômeno e da experiência religiosa: “[...] se, de um lado, seja bem possível que a maioria dos psicólogos acadêmicos atuais

sentir-se-ia ‘em apuros’ caso fosse convidado a falar cinco minutos sobre o assunto, é também verdade que os grandes vultos na história da Psicologia não se esquivaram a fazê-lo [...] (FREITAS, 2002, p. 14).

O texto *História da Psicologia Moderna* de Schultz e Schultz (2011), livro introdutório utilizado em disciplinas de história da psicologia em cursos de graduação, é um bom exemplo para contextualizar essa condição. Nos capítulos que descrevem biografia, obras e contribuições de Fechner e Wundt, por exemplo, lê-se um esforço para demarcar a construção de uma psicologia experimental — que nasceu em um laboratório — respaldada por métodos e técnicas de medições precisas. O livro propõe-se a recontar a história da psicologia com enfoque nas escolas de pensamento, nas ideias e nas pessoas e, em meio a uma série de opróbrios e informações dispensáveis, ainda omite a visão mística de Fechner e justifica a desqualificação da psicologia cultural de Wundt, tendo o cuidado de não citar a palavra “religião” ou correlatas. O mesmo acontece com a história de William James (1842-1910), um dos fundadores da psicologia moderna e principal pioneiro no campo da Psicologia da Religião.

A Psicologia da Religião caracteriza-se como um campo de aplicação da psicologia ao estudo do fenômeno religioso (ÁVILA, 2007; BENKÖ, 1981), e tem entre seus principais precursores, além dos já citados, os nomes de Edwin Diller Starbuck (1866-1947), Granville Stanley Hall (1844-1924), James Henry Leuba (1868-1947), Carl Gustav Jung (1875-1961) e o próprio Sigmund Freud (1859-1939). De acordo com Belzen (2009), a Psicologia da Religião não está vinculada à perspectiva de qualquer religião particular; e busca, como disciplina científica, analisar e entender a religião fazendo uso de instrumentos psicológicos (teorias, conceitos, intuições, métodos e técnicas). Ressalta-se nesta tentativa de conceituação, que a Psicologia da Religião não tem como objeto a religião ou o transcendente, e sim àquelas disposições humanas que levam a pessoa à capacidade ou não, de vivenciar fenômenos religiosos, sejam estes da ordem pessoal, social ou cultural, mas que comumente, estão relacionadas a uma dimensão transcendente, como Deus, o sagrado ou o místico (FREITAS, 2013).

Em contraponto, a própria história da Psicologia da Religião ajuda a esclarecer porque a religião e o estudo do fenômeno religioso são temas velados e distanciados da história da psicologia científica. De acordo com

Rosa (1979), assim como a psicologia científica moderna, a Psicologia da Religião tem suas origens históricas na filosofia ocidental, encontrando em homens como Sócrates, Platão e Santo Agostinho, pensadores que refletiram e descreveram observações acerca da própria vida interior, constituindo desta forma, uma primeira expressão do estudo psicológico da experiência religiosa. Por outro lado, a história da Psicologia da Religião também está relacionada com a teologia filosófica. Campo composto por pensadores que entraram no embate de teses como monismo versus dualismo; idealismo versus materialismo e empirismo; debates sobre a relação entre o espírito e a matéria; e outros — todos temas cruciais para definição de uma psicologia que quer ser científica. Neste aspecto, definem-se “razões” suficientes para o afastamento do campo, ou como se objetivou discutir neste texto, ocultamento ou proposições contraditórias aos próprios fatos históricos.

Nomes importantes da Psicologia da Religião contemporânea como o belga Antoine Vergote (1921-2013) e o brasileiro Geraldo José de Paiva, têm apontado o embate entre ciência e religião na atualidade, como algo ultrapassado no nível da discussão epistemológica (FREITAS, 2002; PAIVA, 2000). A percepção é também partilhada por estudiosos de outros campos do saber, como o historiador da ciência Ronald L. Numbers, da *University of Wisconsin-Madison*, o qual se propõe a esclarecer e corrigir os mitos e verdades históricas que persistem em reforçar o conflito entre ciência e religião (NUMBERS, 2009). O desenvolvimento e produtividade científica da Psicologia da Religião e das demais ciências humanas e da saúde as quais se debruçam sobre a espiritualidade, igualmente revelam um contexto diferente, alertando a emergência e os desafios que envolvem o estudo da religião e da experiência religiosa.

A Pesquisa Fenomenológica

A opção pela pesquisa fenomenológica se deu por fundamentar-se no estudo do vivido, em apreender a vivência do sujeito por meio de experiências relacionadas com o fenômeno em questão (HOLANDA, 2011; AMATUZZI, 1996). O vivido é o dado imediato da consciência, explicitada

pelo colaborador do estudo; assim, no método fenomenológico, o fenômeno escolhido para pesquisa é sempre uma experiência apreendida por uma vivência, a perspectiva de um sujeito em relação ao mundo, a um fenômeno (HOLANDA, 2011; 2009).

O objetivo da pesquisa fenomenológica é acessar a essência do fenômeno estudado, o objeto sensível, tal qual aparece para o sujeito. Conforme Holanda (2011), esta essência pode ser alcançada a partir de um método fenomenológico que contemple três elementos fundamentais: a redução fenomenológica, a intersubjetividade e o retorno ao vivido. No primeiro, o pesquisador busca, por meio de uma atitude fenomenológica, abster-se de conhecimentos prévios e do que é aparente no fenômeno, para alcançar o subjacente, o significado da experiência para o sujeito vivencial. Na intersubjetividade, salienta-se a comunalidade, o intercâmbio entre a pluralidade constitucional e cultural humana — as relações entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado são aqui evidenciadas. No retorno ao vivido, o pesquisador tem como campo de investigação a experiência, a retomada do mundo-da-vida.

O tipo de pesquisa fenomenológica utilizada neste estudo pautou-se na metodologia empírico-fenomenológica, que a partir da análise de depoimentos (ou qualquer objetivação do vivido), busca apreender elementos do significado e, com isso, acessar a estrutura do vivido — as essências, os significados gerais ou estruturas das experiências (HOLANDA, 2006; AMATUZZI, 1996).

Método

A pesquisa reuniu procedimentos quantitativos e qualitativos. Os dados sociodemográficos foram objeto de análise estatística descritiva; e os dados de entrevista analisados com base numa metodologia empírico-fenomenológica. Para a análise dos depoimentos buscou-se, sobretudo, privilegiar uma postura epistemológica que estivesse em conformidade com o método fenomenológico em si, não se atendo a um modelo previamente estabelecido e circunscrito por passos

sistematizados. Todavia, para fins metodológicos, mencionam-se os passos desenvolvidos na análise:

- 1) Leitura das respostas por colaborador, considerando os relatos como um todo, em sua estrutura geral, para uma compreensão do sentido global da experiência;
- 2) Leitura das respostas por pergunta do instrumento, também com o objetivo de buscar o sentido global, com base, porém, no enfoque e objetivos da pergunta;
- 3) Retomada aos relatos por pergunta do instrumento, tendo como base a busca por uma compreensão do depoimento que considere o que o colaborador “está dizendo” por meio da descrição de suas vivências;
- 4) Transcrição dos elementos que expressam o sentido e o significado da experiência vivida;
- 5) Elaboração de síntese com base em núcleos de significação — estruturas do vivido que convergem na experiência global intercolaboradores.

Instrumento e Colaboradores

Com o objetivo de obter um número representativo de colaboradores em relação à população de estudantes da instituição matriculados no curso de Psicologia, optou-se pela utilização de um questionário estruturado para relato escrito. O instrumento deveria viabilizar uma amostra composta por graduandos de diferentes períodos e contemplar tanto crentes como não crentes.

O instrumento, enunciado como *Questionário para crentes e não crentes* foi elaborado inicialmente com 14 itens, sendo cinco perguntas fechadas e nove abertas. Em projeto piloto, o questionário foi respondido por três colaboradoras, alunas do curso, e seis, das nove perguntas abertas, foram selecionadas. As perguntas fechadas foram propostas para delimitar o perfil dos participantes: idade, sexo, ano de ingresso no curso e participação em grupo religioso. As perguntas abertas foram dirigidas a

segunda pessoa do singular, para que os colaboradores pudessem relatar suas perspectivas e experiências individuais, visando o resgate do vivido. As questões arguíram sobre 1) a formação e experiência religiosa; 2) a conceituação pessoal de psicologia; 3) a relação entre psicologia e religião; 4) a percepção do ambiente acadêmico em relação à religião; 5) a possíveis experiências de conflito e; 6) a influência do curso de Psicologia na experiência de crenças ou não crenças pessoais.

Procedimentos para coleta de dados

Considerando as características do método fenomenológico e o caráter exploratório deste estudo, optou-se pela amostra por conveniência. Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa em contexto de sala de aula ou pessoalmente. Informados sobre o assunto da pesquisa e seu caráter voluntário, os alunos interessados em participar receberam o questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo concedida a opção de responder o questionário em sala ou em casa. No momento de convite e entrega dos questionários observou-se que vários estudantes optaram por não participar do estudo, indicando certo constrangimento com a temática religião e espiritualidade e, no ato de devolução, alguns estudantes informaram um alto nível de mobilização exigido para reflexão dos temas propostos pelo estudo.

Resultados

Participaram do estudo 60 graduandos de Psicologia de uma instituição pública federal, sendo 47 do sexo feminino (78,3%). A idade dos colaboradores variou entre 18 e 37 anos, com faixa etária predominante dos 18 aos 21 anos (55%). O estudo contemplou estudantes em todos os cinco anos da graduação, sendo 15 alunos no primeiro ano; 12 no segundo; 19 no terceiro; seis no quarto e; oito no quinto ano da graduação.

Sobre a religião dos colaboradores, 30 descreveram participar de um grupo religioso, destes, 13 são católicos, 9 evangélicos e 8 espíritas. Igualmente categorizados como colaboradores crentes, porém sem religião definida, 13 estudantes responderam acreditar em Deus, mas não participar de nenhum grupo religioso. Quatro colaboradores são ateus e cinco agnósticos. Oito detalharam suas crenças e/ou não crenças em “outros”: quatro se descreveram como “indecisos”, dois como “céticos”, um como “ecclético” e outro como seguidor da Wicca.

Ainda que os resultados não possam ser generalizados para população de estudantes do curso, no que se refere aos grupos religiosos no Brasil, alguns números se destacam quando comparados aos percentuais do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2010). Conforme os dados censitários, os espíritas representam 2% da população brasileira, conferindo um aumento deste grupo religioso na última década. No presente estudo, 13,3% dos colaboradores descreveram-se como espíritas kardecistas e/ou umbandistas, um número bastante expressivo quando comparado aos dados do Censo. O percentual de estudantes que se declararam evangélicos (15%) é também bastante expressivo — segundo o Censo, os evangélicos somam mais de 22% da população. Outro dado que chama a atenção é o percentual de colaboradores que se declararam ateus ou agnósticos (15%) — no Censo 2010, o percentual nacional é bastante inferior, somando 0,4% dos brasileiros. Este dado também pode ser comparado ao percentual de brasileiros jovens e adultos jovens sem religião, segundo os dados censitários (ateus, agnósticos e pessoas sem religião): pouco mais de 10% da população, compreendida na faixa etária entre os 18 e 29 anos, declarou-se sem religião. O percentual de estudantes de psicologia que colaboraram com este estudo e que poderiam ser categorizados como “sem religião”, ultrapassa 30%¹.

¹ O percentual considera o número de colaboradores compreendidos na faixa etária condizente aos dados do Censo e que se descreveram como ateus, agnósticos ou acreditar em Deus, mas não participar de nenhum grupo religioso.

Formação e experiência religiosa

Buscou-se com a primeira questão aberta do instrumento conhecer a formação religiosa dos colaboradores. Tópicos como educação religiosa, tempo e conhecimento sobre religião foram apontados na questão, contudo, o formato da pergunta permitiu a mobilização subjetiva e o retorno ao vivido da experiência histórica.

Sobre a formação religiosa, a católica mostrou-se predominante, sendo que 39 (65%) descreveram sua formação religiosa como tal. As exposições incluíram o fato de terem sido batizados e catequisados pela Igreja Católica, por ser a religião de seus pais e da família, dentre outros. Deste grupo, 13 participantes permanecem católicos; oito afirmaram acreditar em Deus, mas não participar de nenhum grupo religioso; seis se tornaram espíritas; dois evangélicos; dois agnósticos; um ateu e sete descreveram suas crenças e não crenças em outros. Dos colaboradores que mudaram de religião, quatro descreveram que esta mudança ocorreu no período da adolescência. De acordo com os dados censitários, a população de brasileiros que se declararam católicos apostólicos romanos é de 64,6%, religião historicamente majoritária no Brasil, mas que nas últimas décadas, tem indicado acentuada tendência de redução no número de adeptos (IBGE, 2010). O percentual de colaboradores que se declararam católicos no presente estudo (21,7%) alude às mudanças apontadas nos últimos censos e sugere temas emergentes como o trânsito religioso e o aumento de pessoas que se declaram sem religião.

Dentre os demais colaboradores, sete descreveram ser de formação evangélica e dois de formação espírita (sendo um umbandista). Quatro relataram que não tiveram uma formação religiosa e seis não descreveram de forma clara e/ou direta sobre esta experiência. Destaca-se, sobretudo no relato desses últimos, uma pluralidade de crenças na família; pais com crenças ou religiões diferentes; pais católicos não praticantes; ou o não direcionamento dos pais na escolha religiosa. Destes colaboradores, três são ateus, dois agnósticos e cinco acreditam em Deus, mas não participam de nenhum grupo.

Sobre o conhecimento a respeito da religião que professa ou aproximação teórica a temas relacionados ao transcendente, 15 participantes

afirmaram dedicar-se ao estudo da religião, religiosidade ou espiritualidade. Nas descrições, a prática aparece com foco no desenvolvimento da própria espiritualidade, para “conhecer mais a respeito”. Os meios usados incluem livros, sites, participação em eventos, congressos, grupos presenciais, leitura da bíblia, e outros. O interesse dos participantes pelo tema inclui mitologia comparada, conhecimentos orientais, catolicismo, espiritismo, budismo, espiritualidade, possessão e outros. Apenas cinco colaboradores afirmaram “conhecer os preceitos” de sua própria religião ou da religião que professava e, igualmente, outros sete relataram “saber um pouco” sobre conhecimentos básicos e teóricos de sua religião.

Descrição fenomenológica

A descrição fenomenológica do vivido organizou-se a partir dos objetivos e temas propostos nas cinco últimas perguntas do instrumento. A partir de uma leitura compreensiva dos relatos, apresenta-se uma análise reflexiva do sentido das vivências, que emergiram durante a análise, como estruturas essenciais ou elementos invariantes do fenômeno. O tema abordado na primeira questão buscou apreender a representação conceitual de Psicologia para os estudantes. Os resultados da análise destas respostas serão abordados em trabalho posterior, dado o volume de informações ali contidas e por remeter a tema divergente do que ora propomos discussão.

A Relação entre Psicologia e Religião

A terceira pergunta buscou compreender como os estudantes percebem a relação entre psicologia e religião no quesito construção/conceituação teórico-metodológica, bem como, no contexto de formação profissional. A religião foi essencialmente descrita como um fenômeno humano — a vinculação religiosa e a espiritualidade são percebidas como parte da constituição do homem, algo que lhe é inerente, que “ocupa lugar na psique”, “tão humano quanto o comportamento, o

social e o consciente”. A religiosidade/espiritualidade é então definida como objeto de estudo; a psicologia estuda o comportamento religioso, a experiência religiosa, com a finalidade de compreender a relação sujeito-religião, essencial para que se apreenda o humano em totalidade e, portanto, comporia o escopo da ciência como tal.

A religião como fenômeno humano aparece essencialmente como fenômeno individual, ou seja, se destaca sua importância para o indivíduo, mais especificamente, para o sujeito-paciente no contexto clínico e da psicoterapia. O objeto é então a experiência religiosa, suas implicações e efeitos para o indivíduo, visto que a “fé faz parte da subjetividade”. O diálogo com a religião se torna importante porque ela pode ajudar na compreensão do paciente, visto que a religião muda e influencia comportamentos. Pode trazer benefícios, assim como ser a causa de patologias e angústias. Com isso, a experiência religiosa na clínica torna-se um recurso: representação de Deus, dogmas e doutrinas podem ser temas passíveis de serem trabalhados pelo psicólogo.

A relação entre psicologia e religião, entretanto, é percebida como difícil e complexa, por serem tratados como campos distintos. Por ser conflituosa na esfera política, a relação é vivenciada na formação como uma relação “problemática” e “perigosa”. Desta complexidade, exprime-se uma dificuldade para associar os campos no âmbito teórico-metodológico, na prática profissional e na vivência pessoal:

“Eu descreveria como difícil, pois é assim que ela é na minha cabeça, e confusa também. No momento que tento pensar num ‘caminhar junto’ me perco ou sou barrada por um ceticismo, então não consigo formar argumentos que os relacionem, apenas que os conflituem” (A1: aluna do 3º ano, católica²).

Ainda que conflituosa, a relação é afirmada como inegável e necessária. O diálogo da psicologia com a religião não pode, ou não deveria ser descartado, visto tratar de uma relação inevitável, de compreensão e conhecimento imprescindível para a psicologia. Essa noção, entretanto, vem acompanhada pela crítica ao modo como o assunto é abordado no curso e

² Em nossos registros de pesquisa, esta aluna é indicada como C.61.

na academia: a relação é desconsiderada, não falada — “é tabu”. Em contraponto, para alguns colaboradores, psicologia e religião são campos distintos e inconciliáveis. Tal impossibilidade é exemplificada pela condição da psicologia como ciência, visto que ela deve se limitar ao “mundo físico”. São incompatíveis porque tratam de dimensões diferentes e divergem no modo de explicação e construção de conhecimento sobre o humano.

Psicologia e religião podem também ser equiparadas, niveladas a “formas de conhecer o homem”, visto que ambas “lidam com conteúdo humano”. Na percepção de alguns estudantes, há uma implicação na relação entre os campos, seja porque cada uma possui seu papel no desenvolvimento do sujeito ou porque coincidem em seus objetivos e efeitos. As coincidências são igualmente percebidas no conteúdo: “a psicologia possui vários elementos religiosos” e não apenas refuta, mas vale-se de princípios e valores cristãos: “*A religião, assim como a psicologia, me parece uma forma de se tentar conhecer esse aspecto profundo e misterioso, arrumando uma origem ou um apoio para a existência*” (A2: aluno do 2º ano, agnóstico³). A comparação também aparece perpassada pela crítica à psicologia contemporânea e acadêmica: “[...] *a religião tem efeito tal qual a psicologia, bem como, a psicologia atual reflete as ideologias dogmáticas e meta-pragmáticas da religião*” (A3: aluno do 4º ano, descreve-se como eclético⁴). Outra crítica trata do modo como a psicologia e outras ciências explicam a religião e o comportamento religioso — o estudo é limitado e reducionista, visto apreender por fenômenos físicos e psíquicos aspectos pertencentes à dimensão espiritual e transcendente do humano. A noção é de que a psicologia perde por não estudar essa dimensão, o que limita o saber, o desenvolvimento do campo e a profissão de psicólogo.

A percepção do ambiente acadêmico em relação à religião

Com a quarta pergunta, buscou-se compreender como os colaboradores percebem e vivenciam o ambiente acadêmico em relação às suas

³ Em nossos registros de pesquisa, este aluno é indicado como: C.44.

⁴ Em nossos registros de pesquisa, este aluno é indicado como: C.52.

crenças pessoais. As respostas estenderam-se desde exemplificações sobre o clima institucional e sociocultural — no que tange à relação academia versus religião — à identificação da universidade como um lugar (no sentido de espaço físico) circunscrito à ciência.

Para alguns colaboradores, o ambiente acadêmico é um espaço de “multiplicidade de ideias”, um lugar de difusão de pensamentos e, por isso, também de diversidade religiosa. A universidade, para esses estudantes, tanto crentes como não crentes, parece ser experienciada de forma positiva, como um lugar de respeito às diferenças e escolhas religiosas, que “preza pelo livre-arbítrio” e pela reciprocidade. Essa noção vem acompanhada da percepção de que no ambiente acadêmico há sempre uma tentativa de manter a neutralidade e respeitar as mais diferentes crenças e ideologias. A relação entre as crenças pessoais e o ambiente acadêmico é vivenciada por alguns colaboradores sem a presença de conflito, visto admitirem que a academia não possui qualquer influência sobre suas crenças pessoais. Outros justificam a relação “tranquila” e sem atritos pela não crença: porque é agnóstico ou “ecclético”, ou porque o “ambiente acadêmico é propício ao ateísmo”. O espaço acadêmico é também descrito como lugar da ciência, do científico e do não promissor ao religioso.

A concepção de academia como um espaço ateu, mostrou-se ao longo de diversos relatos. A universidade parece ser intuída como um espaço ocupado majoritariamente por ateus ou por pessoas sem religião — a presença de crentes “praticantes” pode, inclusive, causar espanto; e encontrar religiosos no ambiente acadêmico, pode ser algo até mesmo estranho e curioso. A proposição de se estar em um ambiente ateu surge sobreposta a uma tentativa de explicar o não lugar da religião: racionalidade, materialismo, ceticismo, circunscrevem o que se designa por “território limitado da ciência”. Na academia, “prevalece a abordagem humanista e ateuista”, o físico e o científico para que a ciência não seja banalizada. Essa constatação por parte dos colaboradores, contudo, aparece acompanhada de uma percepção negativa — com a justificativa de delimitar o campo, a academia se fecha para discutir temas que envolvam religião, espiritualidade e crenças. A universidade é então descrita como um lugar fechado para discutir ou compartilhar temas relacionados à religião. Falar sobre o assunto gera “incômodo” e “desconforto”, o tema é então deixado de lado,

prefere-se não falar; além de que, quando surge, provoca apenas “discussões e polêmicas nada construtivas”. A censura pela falta de abertura e pela impossibilidade de reflexão sobre as crenças religiosas no meio acadêmico remete aos estudantes não apenas a importância do tema, mas ao interesse dos alunos: *“O ambiente acadêmico não possui abertura para temática, apesar da mesma fazer parte do cotidiano de seus alunos e professores”* (A4: aluno do 3º ano, descreveu-se como cético⁵).

Quando o assunto é religião, a atmosfera acadêmica parece ser experimentada de maneira hostil pela maior parte dos colaboradores. Falar sobre temas que envolvam questões ditas espirituais, expressar ou manifestar as próprias crenças religiosas remete a algo proibido ou que deva veemente ser evitado no contexto acadêmico:

“Em geral vejo que o ambiente acadêmico discrimina as pessoas que creem em Deus e têm uma religião. É difícil de falar desse assunto, sendo um cristão, dentro desse prédio” (A5: aluna do 2º ano, descrição em “outros” – indeciso⁶).

“Percebo o ambiente acadêmico como intolerante, em diversos momentos em que argumentos de outros alunos, carregados de alguma forma com uma crença católica ou espiritual, eram expostos em discussão durante as aulas, as reações variavam do riso ao desprezo – essa seria em relação aos alunos. Por parte de professores, durante os primeiros semestres sentia uma espécie de necessidade em ficar quieta, não expor esse tipo de argumento” (A1: aluna do 3º ano, católica⁷).

A experiência de conflito

A quinta pergunta do questionário foi direcionada à experiência de conflito em si, buscando neste momento do relato escrito, apreender vivências de contradição e oposição na relação entre as crenças ou não crenças pessoais, a psicologia e o ambiente acadêmico. A experiência de conflito em sala de aula foi afirmada ou mencionada pela maior parte dos

⁵ Em nossos registros de pesquisa, este aluno é indicado como: C.49.

⁶ Em nossos registros de pesquisa, esta aluna é indicada como: C.8.

⁷ Como dito acima, Em nossos registros de pesquisa, esta aluna é indicada como: C.61.

colaboradores, crentes e não crentes. Houve também estudantes que afirmaram não ter sentido ou experimentado situações de conflito em sala de aula — esses, representados em maior número pelos ateus, agnósticos e indecisos da amostra. Alguns colaboradores responderam não lembrar ou não ter percebido situações de conflito no nível pessoal, entretanto, a menção desse tipo de experiência apareceu em resposta a outras perguntas do questionário.

Os estudantes descreveram vivenciar diversos momentos de conflito e impasses em relação aos conteúdos estudados no curso em relação ao posicionamento de colegas e professores. As experiências de conflito em relação aos conteúdos surgem quando temas relacionados a questões últimas como a origem da vida e a existência de Deus são abordados em sala. Temas como a “inexistência da alma”, livre-arbítrio versus determinismo e teoria da evolução foram muito citados. Os colaboradores explicam que assuntos e discussões como essas provocam contradições, porque são contrárias às suas experiências religiosas e ao modo como fundamentam e vivenciam a própria espiritualidade. O nome do pensador francês Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi citado diversas vezes para exposição dos momentos de conflito em relação às crenças e também não crenças pessoais, visto sua filosofia existencialista e ateia. Vivências de contradição entre as crenças e os conteúdos foram também exemplificadas pela menção de teorias e abordagens psicológicas. O Behaviorismo, a Psicanálise e a Psicologia Histórico-Cultural foram as abordagens mais mencionadas. Na percepção dos colaboradores as teorias “*desconsideram a dimensão espiritual*” e “*negam a espiritualidade*”.

A experiência de conflito em relação ao posicionamento dos colegas do curso aparece especialmente quando temas concernentes à religião ou práticas místicas e religiosas são mencionados ou discutidos em contexto de aula. Temas da ordem ética e moral, — tais como a legalização do aborto, sofrimento humano, casamento e relacionamentos afetivos — também foram mencionados para relatar experiências de conflito entre as crenças pessoais e o posicionamento, opinião e comportamento dos colegas. A experiência de conflito no ambiente acadêmico foi também proferida em relação ao posicionamento dos professores, no contexto da sala de aula, na exposição de determinados conceitos teóricos ou na apresentação

de autores ateus. A menção do conflito nestes casos foi explicitamente ao modo como alguns se posicionam em relação à religião, à espiritualidade e ao ter crenças — na percepção dos colaboradores, crentes e não crentes, alguns professores pronunciavam-se de modo “ofensivo”, “ridicularizando” e “satirizando” a religião e as pessoas que tem uma crença.

“[...] alguns professores manifestam suas posições pessoais, como ‘acadêmicos’, como se não existisse lugar para ‘crenças’ nesse meio... Comentários como “fico surpreso de perceber que existem pessoas que ainda acreditam dessa forma” ou “você sabem que isso não existe”, como se todos os alunos da sala fossem ateus ou coisa assim” (A6: aluna do 3º ano, evangélica⁸).

Colaboradores crentes e não crentes que relataram não vivenciar conflitos, ateus e agnósticos principalmente, mencionaram perceber essa experiência no cotidiano dos colegas, tanto em relação às teorias quanto ao ambiente acadêmico em si. A descrição da experiência de conflito do outro aparece como censura e como expressão de uma inquietação ao modo como a religiosidade e a espiritualidade é abordada no curso.

A influência do curso de Psicologia

Com a sexta e última pergunta, buscou-se apreender como os estudantes percebem e vivenciam a influência do curso de Psicologia em suas experiências de crenças ou não crenças. Alguns colaboradores afirmam de forma bastante direta que o curso não influencia em sua experiência de crenças ou não crenças. Dentre os colaboradores crentes (católicos ou que acreditam em Deus, principalmente), o motivo da não influência é porque não tiveram “grandes experiências religiosas” ou porque ainda não buscaram formas de aproximação, quando psicologia e crenças pessoais “se complementam ou podem caminhar juntas”.

Outros colaboradores mencionam experimentar influência dos conteúdos e da academia a partir de uma noção positiva. O curso contribuiu

⁸ Em nossos registros de pesquisa, esta aluna é indicada como: C.58.

para uma apreensão mais valorativa da religiosidade ou possibilitaram o desenvolvimento e enriquecimento da própria espiritualidade. O vivido expressa um movimento de abertura e mudança — o contato com os conhecimentos da psicologia permitiu questionamentos, novas reflexões e novas experiências; auxiliou “a refletir a respeito da existência” e instigou a busca por outras expressões religiosas.

Como formas de lidar com as oposições e divergências, surgem nos relatos duas importantes noções, nominadas aqui de vivências de associação e vivências de dissociação. Na primeira, identificam-se na descrição do vivido, possibilidades de associar as crenças ou não crenças à psicologia. No relato de alguns colaboradores ateus e agnósticos, os conteúdos aprendidos na psicologia ajudam a resignificar e “fortalecer” as não crenças — o conhecimento científico explica o comportamento e a subjetividade, reforçando “ainda mais o entendimento de que a religião nada mais é que uma construção social”. Da mesma forma, colaboradores crentes, católicos, evangélicos e espíritas identificam possibilidades de integração. Surge nesses relatos, uma permissão para associar psicologia e crenças pessoais, exemplificados numa compreensão de que os conteúdos aprendidos reforçam e coincidem, “complementam a formação religiosa” e embasam as crenças. Acompanha esta noção, a tarefa de buscar por abordagens psicológicas compatíveis, que possam se ajustar à experiência religiosa ou que ofereçam maior abertura. São exemplos, a Psicologia Analítica e a Psicologia Transpessoal, a Abordagem Direta do Inconsciente e as perspectivas fenomenológicas, humanistas e existenciais. O conflito e as contradições alimentam essa busca — a preocupação é em assegurar as crenças para permanecer no percurso acadêmico e profissional:

“Eu senti, ao longo do curso, que a minha religiosidade, apesar de não ser tão exacerbada, dificilmente tinha espaço dentro de algumas teorias. E, talvez esse tenha sido um fator importante na minha escolha pela fenomenologia. Eu vi nessa linha teórica mais possibilidades de assegurar o que eu acreditava” (A7: aluna do 5º ano, católica⁹).

⁹ Em nossos registros de pesquisa, esta aluna é indicada como: C.55.

Nas vivências de dissociação, o esforço é mencionado na forma oposta, a busca é por uma permanente separação entre as crenças pessoais e os conteúdos estudados no curso. Como forma de lidar com as contradições entre as crenças pessoais e a psicologia, alguns colaboradores buscam separar os campos: o racional do transcendente, a fé da teoria, o pessoal do profissional, o exercício parece ser “não misturar” e empreender pelo “equilíbrio”. Os motivos para dissociar justificam-se na noção de impossibilidade de conciliar experiência religiosa e psicologia; com um cuidado em manter as crenças sem, contudo, fechar-se para o conhecimento científico; e por uma preocupação com a ética profissional.

Em alguns relatos, entretanto, a descrição de modos de lidar não aparece com essa clareza. O que surge são vivências de conflito que sugerem um não saber lidar com a relação entre as experiências religiosas/espirituais e o curso de Psicologia. Esta dificuldade se expressa na queixa pela falta de espaço para pensar as possibilidades de relação e no modo como os professores transmitem os conteúdos — o conhecimento é “tendencioso” e “ideológico”. O vivido aparece então, em forma de defesa e de sobreposição das crenças sobre o que é ensinado: a experiência religiosa ou o conhecimento que se tem da própria religião não é “abalado por argumentos mal embasados”, “na dúvida, fico com a religião”. O não saber lidar aparece também como preocupação com a prática profissional: *“Sinto falta desse diálogo tanto para mim como pessoa, quanto para minha formação de psicóloga”* (A8: aluna do 3º ano, católica¹⁰).

Considerações Finais

Os resultados obtidos na pesquisa aproximam-se das análises e conclusões discutidas no estudo realizado por Freitas (2002) que indicam a importância da temática religiosidade/espiritualidade na formação pessoal e profissional do estudante de psicologia. Os dados também corroboram com a conclusão de Aquino (2005), em pesquisa realizada com 169 estudantes de psicologia sobre atitude religiosa e crenças, indicando a religiosidade e

¹⁰ Em nossos registros de pesquisa, esta aluna é indicada como: C.51.

espiritualidade como núcleo importante na constituição da subjetividade destes estudantes. Gastaud et al. (2006), em estudo sobre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores com a mesma população, alerta para os baixos índices de bem-estar espiritual, religioso e existencial observados em estudantes de psicologia quando comparados a estudantes de medicina e direito. De igual modo, Cavalheiro e Falcke (2014), em estudo transversal com 672 calouros e 392 formandos de psicologia, revelam que esses últimos possuem índices significativamente menores de bem-estar espiritual e tendem a acreditar menos em Deus ou força superior que os alunos ingressantes. Os resultados desta pesquisa indicam que o curso de Psicologia possivelmente favoreça o declínio da espiritualidade dos psicólogos, especialmente, quando esses adotam “religiosamente” doutrinas psicológicas (CAVALHEIRO; FALCKE, 2014, p. 43).

O perfil dos estudantes que colaboraram com o presente estudo demonstra a pluralidade de religiosidades, expressões de crenças e espiritualidades presentes no curso de Psicologia da instituição onde se desenvolveu a pesquisa. A maior parte da amostra está representada por alunos crentes (71,7%), que participam de grupos e/ou instituições religiosas ou que acreditam em Deus. Estudantes que buscam desenvolver a própria religiosidade/espiritualidade, ora embasados em uma busca institucional e relacional em seus próprios grupos, ora a procura de novos grupos ou outras formas de espiritualidade. Alguns, de forma mais íntima e pessoal, assumem o não pertencimento religioso, mas uma busca contínua pelo transcendente. Os estudantes não crentes (18,3%) que compõem a amostra, em sua maioria, igualmente demonstram o interesse e preocupação com o tema religião, especialmente no que concerne à experiência do outro, bem como sua aplicação na ciência psicológica.

A diferenciação entre colaboradores crentes e não crentes, entretanto, pouco foi observada nos relatos. Os sentidos, experiências e expressões do vivido apreendidos na análise das respostas, não indicam diferenças consideráveis entre os distintos grupos religiosos (católicos, evangélicos e espíritas), os crentes em geral e os não crentes. A noção é de um vivido que se intercruza nas percepções e experiências — no conceituar a psicologia e sua relação com a religião, na vida acadêmica e no modo como experienciam a relação entre as crenças pessoais e a

graduação. Diferenciações também não foram observadas entre os colaboradores de diferentes anos de curso, demonstrando expressões e experiências bastante similares, inclusive na comparação entre alunos dos primeiros e últimos anos de curso. Exceção à regra é quanto à vivência de conflito. De modo geral, os colaboradores ateus e agnósticos afirmam não experimentar conflito na esfera pessoal, embora essa experiência não se aplique a todos os colaboradores com esse perfil, e outros, admitam vivenciá-la em relação aos colegas crentes ou por se sentirem confrontados pela não crença.

As expressões de conflito e contradições experienciadas em sala de aula, no convívio com professores e colegas e em relação aos conteúdos estudados no curso demonstram o quanto a noção de conflito entre fé e razão, ciência e religião se fazem presentes no meio acadêmico e na psicologia. Como se observou nos relatos, o conflito não se limita à vivência pessoal de crenças ou não crenças religiosas, mas esbarra em questões teórico-metodológicas que podem comprometer a formação ética e profissional do estudante. Prova disto, é a busca por abordagens psicológicas que possam ser conciliadas à fé ou o movimento de defesa, que alguns colaboradores expressam ao afirmarem que “na dúvida” optam por acreditar na religião.

A percepção dos estudantes de que a relação entre psicologia e religião é complexa, problemática e até mesmo perigosa, entra em choque com concepções importantes, também mencionadas pelos colaboradores. A noção de que a religião é um fenômeno humano, e consequentemente, sua importância e presença no contexto clínico-psicoterapêutico, sugerem, minimamente, lacunas e um evidente despreparo para prática profissional. Tais insuficiências e desencontros, somados aos conflitos e divergências, evidenciam-se ao lado da principal crítica e queixa dos colaboradores: a falta de diálogo, o silêncio e o impeditivo do tema religião no curso, nas abordagens psicológicas e na academia como um todo.

A impressão mais marcante deste estudo possivelmente é a percepção de que a universidade é um espaço ateu, e não laico, como legalmente se esperaria. A noção aparece vinculada à postura e posicionamento de alunos e professores no convívio interpessoal e nos contextos de aula, mas especialmente, ao que concerne o espaço físico — o dito lugar da

ciência e da razão. A representatividade dos estudantes que assumem uma crença no transcendente, e a formação e experiência religiosa dos colaboradores da pesquisa destacam o caráter contraditório desta percepção e denunciam a emergência pela quebra do silêncio.

Como indicado nas conclusões de Freitas (2002) e nos resultados deste trabalho, há uma grande mobilização por parte dos estudantes de psicologia pela temática religião, religiosidade e espiritualidade. Fato que já se evidenciou no período de coleta dos dados, quando a pesquisadora pode ouvir dos colaboradores sobre a importância desta discussão no curso e o quanto foi significativo para eles poderem “ser ouvidos”. Com efeito, a expressão do vivido que aqui ecoa é a de uma relação “inegável” e “necessária”, entre psicologia e religião, durante a formação cidadã, acadêmica e profissional do psicólogo ou, no mínimo, um interesse legítimo por algo que diz respeito à dimensão humana e, assim, interessa aos que abandonam as vias preconceituosas das ideologias.

Por fim, insere-se nesta discussão, ciente da omissão de outros temas também importantes, a preocupação com a ética profissional do psicólogo. Embora o assunto, ética e religião na psicologia seja um tema atual, não apenas entre os profissionais da área e seus respectivos conselhos, mas fruto de calorosas discussões na mídia e nas redes sociais, o tema mostrou-se pouco presente nos relatos dos colaboradores. A menção do termo *ética* ou de observações desta ordem aparece acompanhada de uma ideia de obrigação, como um dado técnico ou protocolo a ser cumprido quando a religião do sujeito aparece. A leitura é de um não saber o que seja ética e como, de fato, a complexidade e o “perigo” da relação entre psicologia e religião irão aparecer na clínica e nos demais contextos profissionais. Este e outros resultados reverberam nas dificuldades, equívocos e desafios em se compreender a relação e o possível diálogo entre psicologia e religião na vivência pessoal de crenças ou não crenças e a formação como psicólogo.

A pesquisa buscou compreender a experiência espiritual e religiosa de estudantes de psicologia em seu contexto acadêmico e de formação profissional. As expressões do vivido relatadas aqui mostram os encontros, contradições e ambivalências que compõem a formação do estudante de psicologia. O estudo salienta a importância de uma discussão aberta

sobre a experiência religiosa individual da pessoa estudante de psicologia e suas implicações na formação de psicólogo. Do mesmo modo, o estudo também teve a pretensão de apontar o distanciamento e o ocultamento de um tema que nunca se ausentou da psicologia e da pesquisa científica, e com isso, propor mudanças óbvias na literatura e no ensino e da Psicologia.

Como sugestão de novas pesquisas, destaca-se a importância de estudos longitudinais sobre as possíveis influências e implicações do curso de psicologia na experiência religiosa dos estudantes, dado o número bastante expressivo de pessoas sem religião na amostra da pesquisa. Estudos deste porte, podem também oferecer uma leitura mais profunda e abrangente do modo como os estudantes lidam com a relação entre as crenças ou não crenças pessoais, os conteúdos aprendidos no curso e o ambiente acadêmico. A relação aluno-professor e a formação ética, no que se refere à relação entre psicologia e religião no contexto acadêmico, igualmente constituem-se temas imprescindíveis, que não devem mais ser negligenciados nos debates e resoluções sobre o ensino da Psicologia e a formação profissional do psicólogo no Brasil.

Referências

- AMATUZZI, M. M. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 13, n. 1, p. 5-10, 1996.
- ANCONA-LÓPEZ, M. A espiritualidade e os psicólogos. In: AMATUZZI, M. M. (Org.), *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 147-159.
- AQUINO, T. A. A. Atitude religiosa e crenças dos alunos de psicologia. *Revista UNIPÊ*, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 56-63, 2005.
- ARAUJO, S. F. *A fundamentação filosófica do projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt*, Campinas. 2007. 300 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 2007.
- ARAUJO, S. F. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Revista Scientiae Studia*, v. 7, n. 2, p. 209-20, 2009.

ARNOLD, W.; EYSENCK, H. J.; MEILI, R. *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Loyola, 1994.

ÁVILA, A. *Para conhecer a psicologia da religião*. São Paulo: Loyola, 2007.

BELZEN, J. A. Psicologia Cultural da Religião: Perspectivas, Desafios, Possibilidades. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 4, p. 1-29, 2009.

BENKÖ, A. *Psicologia da religião*. São Paulo: Loyola, 1981.

CAVALHEIRO, C. M. F.; FALCKE, D. Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 31, n. 1, p. 35-44, 2014.

FERREIRA, A. A. L. O lugar da psicofísica de Gustav Fechner na história da psicologia. *Revista Memorandum*, v. 5, p. 86-93, 2003.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. de. *Psicologia: Uma (nova) introdução*. São Paulo: Educ, 2013.

FILORAMO, G.; PRANDI, C. *As Ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FREITAS, M. H. de. *Crença religiosa e personalidade em estudantes de Psicologia: Um estudo por meio do Questionário Pratt e do Método de Rorschach*, Brasília. 2002. 300 f. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade de Brasília, Brasília: UnB, 2002.

FREITAS, M. H. Relações entre religiosidade e saúde mental em imigrantes: implicações para a prática. *Revista Psico-USF*, v. 18, n. 3, p. 437-444, 2013.

GASTAUD, M. B. *et al.* Bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores em estudantes de psicologia: estudo transversal. *Revista Psiquiatria*, Rio do Sul, v. 28, n. 1, p. 12-8, 2006.

HOLANDA, F. A. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Revista Análise Psicológica*, v. 24, n. 3, p. 363-372, 2006.

HOLANDA, F. A. Fenomenologia e Psicologia: Diálogos e Interlocações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 15, n. 2, p. 87-92, 2009.

HOLANDA, F. A. Pesquisa fenomenológica e pesquisa eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). *Psicologia e Fenomenologia: Reflexões e Perspectivas*. Campinas: Alínea, 2011, p. 17-26.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

NUMBERS, R. L. Mitos e verdades em ciência e religião: Uma perspectiva histórica. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 36, n. 6, p. 246-51, 2009.

PAIVA, G. J. Ciência, Religião, Psicologia: Conhecimento e Comportamento. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 3, p. 561-567, 2002.

PAIVA, G. J. *A religião dos cientistas. Uma leitura psicológica*. São Paulo: Loyola, 2000.

PENNA, A. G. *História das ideias psicológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

RIBEIRO, J. P. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, A. F. (Org.). *Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia*. Campinas: Átomo, 2004, p. 11-36.

ROSA, M. *Psicologia da Religião*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1979.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, E. S. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

WERTHEIMER, M. *Pequena História da Psicologia*. Ribeirão Preto: Cia Nacional, 1982.

Recebido: 13/08/2016

Received: 08/13/2016

Aprovado: 16/08/2016

Approved: 08/16/2016